

# O CLUBE DOS OITO

**Daniel Handler**

Tradução  
FABRÍCIO WALTRICK

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 1999 by Daniel Handler  
Publicado mediante acordo com Charlotte Sheedy Literary Agency.  
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original utilizada nesta edição foi retirada de *Otelo*, de William Shakespeare  
(Trad. de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017).

TÍTULO ORIGINAL The Basic Eight

CAPA André Hellmeister

FOTO DE CAPA © Ljupco Smokovski/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Handler, Daniel

O clube dos oito / Daniel Handler ; tradução Fabricio  
Waltrick. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: The Basic Eight.  
ISBN 978-85-5534-065-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

17-11116

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

## Apresentação

Eu, Flannery Culp, estou jogando paciência enquanto termino isto. Jovens superdotados não têm problemas em fazer duas coisas ao mesmo tempo — e já joguei paciência tantas vezes que se tornou algo natural para mim. Até me ajuda a pensar. Quando não consigo decidir a melhor estrutura para uma frase, passo os olhos pela minha cama impecavelmente arrumada, onde o jogo está estendido, e vejo: sete vermelho sobre oito preto. Como não enxerguei isso antes?

Estou sozinha neste lugar, sentada em frente a uma máquina de escrever com meu diário à esquerda e uma pilha de folhas datilografadas à direita. Sou uma mulher com um teto todo seu, igual àquela escritora. Releio meu diário e datilografo minha vida em folhas de papel ultrabranco. Quando cometo um erro, só preciso voltar algumas letras e escrever por cima. Estou usando uma dessas máquinas de escrever com fita corretora, por isso consigo apagar todos os equívocos, só deixando algumas marquinhas leves que vão desaparecer por completo quando eu fizer uma cópia do material. Todos os vestígios de fatos equivocados e erros tipográficos vão desaparecer enquanto preparo esse texto para enviar aos editores. Metaforicamente falando.

Posso falar uma coisa? (Pergunta retórica.) Alguém está ouvindo rádio no último volume no corredor, o que está me deixando

louca. Está sintonizado numa estação “que toca os maiores hits do país”, ou seja, recita frases de cartões comemorativos entre solos de guitarra. Odeio isso. Além do mais, é muita falta de consideração dessa pessoa que sequer conheço. Quando coloco uma música para tocar — e quase sempre ouço música clássica, como Bach —, deixo baixinho, porque penso nos outros. Só queria desabafar.

Desconfio que o ás de ouros está trancado para sempre, virado para baixo, sob o rei de ouros, que sorri com desprezo para mim. Sinto como se minha vida toda tivesse sido tão mal-embaralhada quanto. Mais algumas cartadas e o alvo poderia ter sido meu professor de matemática, ou algum outro: Johnny Hand ou Millie. A Grande Ópera do Café poderia se tornar um “aspecto importante” do Clube dos Oito, e Flora Habstat poderia ter acabado no programa da Winnie Moprah dizendo que éramos um grupo de loucos por ópera, em vez de ficar falando asneiras sobre satanismo do jeito que fez; embora eu imagine que, em circunstâncias um pouco diferentes, Flora *poderia* ter sido uma de nós e assim sabido de verdade do que estava falando. Com mais algumas cartadas, poderia ter sido outra pessoa, e não a sra. State, fungando durante o programa junto com um grupo para investigação de cultos com o nome de seu filho assassinado. Nesse caso, ela teria apenas sacudido a cabeça negativamente enquanto assistia à transmissão, depois pegaria o telefone para ligar para o filho e para a noiva dele: *eu*. As coisas poderiam ter sido diferentes. Adam teria me mandado desaparecer numa livraria enquanto me comprava um presente. Eu teria vagado entre os corredores menos interessantes, como jardinagem, animais de estimação, turismo e, enfim, crimes. Talvez batesse os olhos em algum livro um pouco diferente, naquele mundo ligeiramente diferente, onde meu amor por Adam teria terminado bem, e não em tragédia: o Clube dos Seis, o Clube dos Sete.

Mas este não é um livro de confissões de um crime real. Este é

meu diário, com tudo o que escrevi na época, editado por mim. A revisão foi mínima: só fiz modificações quando senti que algo que escrevi não correspondia ao que estava passando pela minha cabeça. Afinal, eu só tinha dezoito anos na época. Agora tenho quase vinte. Aprendi muita coisa sobre estrutura narrativa na turma avançada de inglês, por isso sei o que estou fazendo. Todos os nomes são reais, bem como os vários apelidos. Acredite se quiser: aumentaram o volume do rádio ainda mais.

Seguindo um processo de eliminação (pequena demais, grande demais, não vai aguentar na parede com fita adesiva comum), tenho uma única foto dos Assassinos Erroneamente Rotulados colada na parede, e com isso estou me referindo aos meus amigos, o Clube dos Oito. Ela fica na minha frente. Num raro momento de sincronia, todos estão olhando para a câmera — ou seja, todos estão olhando para mim. Kate apoiada num dos braços, em vez de sentada no sofá como um ser humano normal, numa pose meio convencida, como se estivesse acima de nós. V. bem ao lado dela, tateando suas pérolas, com uma cara bem melhor que a de todo mundo, graças à maquiagem perfeita — melhor até que a de Natasha, o que não é pouca coisa. Lily e Douglas, aconchegados no sofá, ela entre nós dois — como sempre —, ele parecendo impaciente, louco para continuar a falar com Gabriel e não querendo perder a linha de raciocínio só por causa de uma foto idiota. Gabriel, com suas mãos negras contrastando com o avental branco, espremido na ponta do sofá com ar desconfortável. A linda Jennifer Rose Milton, de pé ao lado do sofá, em uma pose que pareceria muito formal para qualquer pessoa que não fosse tão maravilhosa quanto ela. Estendida toda lânguida abaixo de nós, Natasha, com um longo dedo entre os lábios, piscando para mim. Estou falando desta “mim” aqui, que datilografava, não a da foto, que também me olha, o que também é simbólico. Hoje a maior parte dessas pessoas não olha mais para

mim, mas não sou uma delas. Olho para mim mesma enquanto escovo os dentes todas as manhãs, depois de tomar banho. Agora pegue a fotografia. (Espero que você possa fazer isso, leitor. Quero que uma cópia dela seja inserida em cada exemplar, como recurso visual e marcador de página. Não é uma ótima ideia?) Olhe bem fundo nos olhos de cada um de nós e tente nos imaginar como pessoas em vez das figuras mitológicas sanguinárias que você deve ter visto em programas de TV de quinta categoria. Nem vem negar, você sabe que gosta deles.

Será que alguém vai ler esta apresentação? Quando isto for publicado (com todo o lucro revertido, por lei, para instituições de caridade), minha própria apresentação deve ficar enterrada entre outros prefácios e introduções escritos por psicólogos especializados em adolescentes famosos, autoridades legais, diretores de escolas e especialistas em bruxaria, e todos serão completamente ignorados, já que os leitores querem ir direto ao assunto. É inevitável que este livro seja classificado no mercado como trash. A maioria dos leitores folheará as primeiras páginas enquanto os comissários de bordo passam as instruções de segurança, e no momento em que estiver voando vai passar para o diário em si, onde tudo começa de verdade. Talvez olhe para meu nome na apresentação com desdém, esperando pedidos de desculpa ou de piedade. Mas você não vai encontrar nada disso aqui.

Talvez, porém, as pessoas leiam a citação que abre o diário. Eu a tirei da biblioteca de acervo limitado deste lugar, para revelar a ignorância dos gurus da psicologia do grande público que estudam pessoas como eu. É claro que não sou alho nem bugalho. Sou uma pessoa real, igual a você. Este diário é real. Assim como a fotografia que você está usando para marcar a página, à qual ninguém jamais teve acesso. Ela é mais real que todas aquelas fotos que as revistas publicaram. Aquelas eram nossas fotos de escola, tiradas quan-

do estávamos com roupas apropriadas, sorrindo para nossos parentes de outros estados, para quem nossos pais iam mandá-las por correio. Este diário é a verdade, a verdade verdadeira. Este livro é o mais real possível. Tão real — me deixe pensar — tão real quanto a rainha vermelha que eu acabei de virar, ou o rei preto que cobri com ela.

## Vocabulário

METAFÓRICO   RETÓRICO   ATROCIDADES  
ESTRUTURA NARRATIVA   ADOLESCENTES   DESDÉM

## Questões para análise

1. O que você já sabe sobre o Clube dos Oito? De que forma isso afetará o que está lendo aqui? Discuta.
2. A maioria das pessoas que escreve diários quer mantê-los secretos. Por que você acha que isso acontece?
3. Se você fosse tornar seu diário público, ia editá-lo antes? Por quê? (Se você não tem um diário, finja que tem.)
4. Costuma-se dizer que o ensino médio é a melhor época da vida de uma pessoa. Se você já se formou, isso foi verdadeiro no seu caso? Por quê? Se ainda não entrou no ensino médio, como acha que pode se preparar para fazer dessa a melhor época da sua vida? Seja específico.

Uma das razões para a adolescência ser uma fase tão torturante é que, na maioria das sociedades, particularmente na nossa, o adolescente é um ser que, emocionalmente, não é alho nem bugalho.

Dr. Herbert Streean e Lucy Freeman,  
*O desejo de matar: o assassino em nossos corações*

Vamos começar com minhas cartas para um certo Adam State.

*Verona, 25 de agosto*

*Querido Adam,*

*Você estava certo: o único jeito de realmente olhar para a Itália é parar de se importar com o catolicismo que está em todo lugar e só sentar e tomar um café. Passei as últimas horas fazendo isso. É o nosso último dia em Verona, então meus pais ainda querem visitar milhares de galerias de arte antes de voltar para casa com um quadro sobre o qual poderão se gabar, mas eu já estou bem feliz por estar sentada numa praça observando as pessoas passarem com seus sapatos maravilhosos. É um café com mesas ao ar livre, claro.*

*O sol está forte. Se não fosse pelos óculos escuros, eu estaria aper-*



tando os olhos. Outro dia tentei escrever um poema chamado “Luz italiana”, mas não estava ficando muito bom e a camareira o jogou fora por engano, porque escrevi no bloco de notas do hotel. Eu me pergunto se isso aconteceu com Dante. De qualquer modo, depois de uma longa discussão com meus pais sobre eu estar ou não dando o devido valor a eles, à Itália e a todas as oportunidades que tenho, recebi permissão — obrigada, ó deuses celestiais — para ficar num café enquanto eles vão atrás de arte. Passei um bom tempo só lendo e observando as pessoas, mas no fim achei que devia pôr a correspondência em dia. Com tanta cafeína no corpo, ou fazia isso ou saíria pulando numa fonte igual àquele filme do Fellini que assisti com a Natasha. Você conhece a Natasha Hyatt, né? Cabelo comprido, tingido de preto-azulado, visual meio vampiresco?

Topei com uma metáfora ótima enquanto procurava algo na livreria do hotel. Na verdade, era quase uma banca de revistas... Como de costume, trouxe para a Itália um monte de livros, achando que seria mais que o suficiente, mas, como de costume também, terminei dois no avião e o resto na primeira semana. Então lá estava eu, vasculhando o escasso acervo de livros em inglês, atrás de algo que prestasse. Eu estava a ponto de acrescentar um romance do Stephen Queen à minha mirrada pilha de mistérios quando pensei: será que o ano que vem vai ser assim? Será que tenho coisas interessantes o bastante à minha volta ou será que vou me ver sem nada para fazer num país que não fala minha língua? Não quero soar como aquela coisa de impostor-que-odeia-impostores do Salinger, mas em Roewer às vezes todo mundo parece tão idiota que, se não fosse por meus amigos e outras poucas pessoas interessantes ali, eu ia ficar louca. E você é uma das “outras poucas pessoas interessantes”. Sei que não nos conhecemos muito bem e que deve estar achando essa carta estranha, se é que está lendo isto, mas gostei muito das conversas que tivemos no fim do ano — você sabe, a respeito de como a escola era idiota, de alguns livros e da sua própria viagem para a Itália. Você é um

*dos não idiotas e não impostores por lá. Sinto — não sei — uma conexão ou coisa assim com você. Bom, por sorte estou ficando sem espaço, então vou fechar o envelope antes que mude de ideia.*

*Abraços,*

*Flannery Culp*

*P.S. Desculpe a mancha de café. Os garçons aqui são todos lindos, mas muito estabnanados e acho que são gays.*

*Florença, 1º de setembro*

*Querido Adam,*

*Se escrever uma carta para você já era audacioso, imagine duas. Mas sinto que você é a única pessoa capaz de me entender neste momento e que já escrevi cartas demais para os outros — como falei da última vez, tenho andado com muita energia por causa de todo o café que rola por aqui.*

*De qualquer maneira, você é a única pessoa capaz de entender o que quero dizer, porque tem a ver com a livraria do hotel que mencionei. Ontem, ao ver o Davi do Michelangelo, tive uma experiência exatamente oposta àquela. Quer dizer, é lógico que eu já tinha visto a imagem do Davi dezoito milhões de vezes, por isso não estava com muita expectativa... Mais ou menos como quando vi a Mona Lisa no ano passado. Fiquei na fila, dei uma olhada e pensei: É a Mona Lisa, beleza.*

*Ele era imenso. Da cabeça aos pés, absolutamente gigantesco. Não apenas escultural (bá-dum-tss!), mas enorme como um pôr do sol, ou como uma ideia que conseguimos compreender apenas pela metade, ou nem isso. Ele me deixou sem ar. Fiquei dando voltas ao seu redor, não porque precisava, mas porque sentia que ele merecia toda atenção que eu podia dar. Examinei cada parte sua de perto, pois tentar ver a coisa inteira seria como olhar para o sol. Era a rigorosa representação de um*

*ser humano que superava qualquer publicidade barata a seu respeito. Levou embora todo o meu cinismo e simplesmente me obrigou a olhar. Saí de lá pensando. Me senti mais adulta.*

*Mas só depois de terminar um dos meus romances policiais no hotel naquela noite foi que pensei na metáfora por trás daquela experiência. Fui ver o Davi esperando uma experiência vazia e artificial; em vez disso, tive uma nova e verdadeira. Eu achava que não experimentaria nada novo depois de ter começado a beber e perdido a virgindade. Talvez seja isso que me aguarda ano que vem. Novas experiências verdadeiras. Talvez ao escrever para você, uma pessoa nova na minha vida, eu embarque em algo tão novo quanto. O Davi me encheu de esperança. Como você me enche. E acabou o espaço de novo.*

*Até mais,*

*Flan*

E um cartão-postal, escrito em 3 de setembro, com carimbo do dia 4, em que está escrito no verso:

*Olha, o que minhas cartas estão tentando dizer é que eu te amo. E estou falando de amor de verdade, do tipo que pode superar a chatice do ensino médio. Volto da Itália no dia 4, sábado, à noite. Me liga no domingo. Não estou falando isso só por causa do vinho.*

E na frente tem uma foto do *Davi*, com o carimbo postal de um funcionário dos correios muito espirituoso bem sobre a virilha.

## Vocabulário

VAMPIRESCO    AUDACIOSO    PUBLICIDADE BARATA  
SOBRIEDADE    VIRGINDADE    CARIMBO POSTAL

## Questões para análise

1. “Há três coisas na vida que não voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida”, diz um provérbio chinês. Há outras coisas que, uma vez feitas, não voltam atrás?
2. Na maioria dos países, uma vez enviada ao correio, uma carta não pode ser recuperada. Você considera isso justo? Pense antes de responder.
3. Levando em conta o jet lag, quanto tempo você esperaria para telefonar para alguém chegando de outro continente? Se fosse você a voltar, quanto tempo seria razoável esperar até concluir que a ligação nunca ocorreria? Parta do princípio de que você deixou a linha o mais disponível possível, mantendo as outras ligações breves.

## **Segunda-feira, 6 de setembro**

Finalmente me recuperei do jet lag, então é hora de estrear meu diário-italiano-novinho-em-folha-e-caríssimo-com-capa-preta-de-couro. Os historiadores atentar-se-ão ao fato de que minhas habilidades de pechincha ainda não estavam em sua plenitude no momento em que fiz a aquisição, que é a razão pela qual estou escrevendo frases elaboradas para justificar meu gasto. De qualquer modo, desde que voltei, há dois dias, não tenho feito muita coisa além de ficar sentada, tentando ligar para meus amigos. Meu quarto se tornou a câmara de descompressão perfeita entre a civilização europeia e a americana, porque ninguém me atende, então tive tempo para me readaptar.

Todo mundo estava fazendo coisas fora de casa. Isso me deixou